

Design Inteligente dos Evangelhos

Autor: Harold Booher

Tradução: André Carezia

Original em inglês: <http://arn.org/docs/booher/ID-of-the-Gospels.htm>

Resumo

Até onde se conhece, ninguém nunca chegou a propor uma evidência científica de um design inteligente – nem causal, nem combinado com design humano – de material bíblico. Este artigo é o relatório de um estudo feito sobre os evangelhos para demonstrar uma evidência científica da “inspiração” na Bíblia. Sendo uma amostra representativa dos evangelhos, a história do Domingo de Ramos, com Jesus entrando em Jerusalém montado em um jumento e expulsando os mercadores do templo, foi a escolhida para servir de laboratório experimental. O estudo estabeleceu que os relatos desse evento feitos pelos quatro evangelhos permitem dois cenários significativamente diferentes. Esses dois cenários de Jesus chegando a Jerusalém foram comparados usando o método científico da “melhor alternativa”, para estabelecer qual representa com maior probabilidade a história do “Domingo de Ramos”. O autor proporciona uma análise complexa da contribuição dos quatro evangelhos para o evento histórico, concluindo que o material de todos os quatro evangelhos é necessário para a história completa. Além do mais, os quatro evangelhos são integrados de uma maneira específica para contar a história, e isso seria impossível sem o auxílio de um coordenador-supervisor, ou seja, um designer inteligente.

I. Comparação das alternativas

Introdução

A história de Jesus, que entra em Jerusalém montado em um jumento, com o povo espalhando folhas de palmeira em seu caminho e gritando “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor, o rei de Israel!”, é lembrada todo ano no “Domingo de Ramos”, uma semana antes da Páscoa, na maioria das igrejas cristãs. Cristo expulsando todos que vendiam e compravam no templo; virando as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos vendedores de pombas, imediatamente após a entrada triunfal, geralmente não é fato mencionado no Domingo de Ramos. Porém, se qualquer um dos evangelhos de Mateus, Marcos ou Lucas for lido alguns versículos adiante da entrada triunfal, será possível ouvir também a história de Jesus expulsando os mercadores do templo. Entretanto, pela comparação dos eventos registrados por cada autor evangélico, vemos algumas inconsistências bastante importantes entre os evangelistas sobre o que de fato aconteceu naquela semana antes da Páscoa.

Embora a história seja registrada em todos os quatro evangelhos, geralmente apenas uma versão

é escolhida para ser lida. Sempre que os evangelhos são apresentados em algum resumo do Novo Testamento, tipicamente apenas uma versão é selecionada, e geralmente é a de Marcos[1]. Quando algum comentário é feito sobre os evangelhos individuais, a versão daquele evangelho é discutida sem nenhuma referência cruzada com os outros evangelhos[2].

Eu assevero que há dois jeitos diferentes de interpretar e compreender as histórias evangélicas da(s) entrada(s) de Jesus e da(s) expulsão(ões) dos vendilhões do templo. *Isto significa dizer que há dois cenários para os mesmos eventos*[3].

Ambos os cenários concordam nos acontecimentos gerais: Jesus veio do Monte das Oliveiras e chegou a Jerusalém montado em um jumento (para demonstrar humildade); o povo deitou roupas e ramos de árvores (palmas inclusive) no caminho, entoando louvores ao Rei, ao filho de Deus, ao filho de Davi, extraídos dos louvores do Antigo Testamento à “filha de Sião”[4]; algum tempo depois, no mesmo dia ou pouco tempo depois, Jesus livrou o templo de seus mercadores dizendo “A minha casa é casa de oração! Mas vós a fizestes um covil de ladrões.”

O primeiro cenário, aparentemente o preferido pela maioria dos estudiosos bíblicos, é aquele em que cada um dos quatro autores escreveu a sua própria versão, a qual, dependendo de suas fontes e de seus pontos de vista, teria algumas semelhanças e algumas diferenças. Quando os evangelhos partilham o mesmo incidente, evento ou estória, os trechos em comum são conhecidos como “perícopes”[5]. Nestes dois eventos em particular, as quatro versões se reduzem a duas versões. Uma é contada por Mateus, que mostra Jesus montado tanto em uma jumenta quanto em seu jumentinho[6]. A outra é contada por Marcos, Lucas e João (como *perícopes*) e mostra Jesus montado em um jumento.

O segundo cenário, proposto por mim, tem duas entradas em Jerusalém (uma em jumenta e jumentinho, e outra em um jumento) a partir do Monte das Oliveiras. Cada entrada provoca uma resposta similar do povo: deitam roupas e ramos no caminho, e gritam louvores ao Rei, o filho de Deus. A primeira entrada triunfal, registrada por Mateus, foi no sexto dia antes da Páscoa[7]; a segunda entrada, registrada por Marcos, foi dois dias depois, com o Sabbath no meio. Este cenário possui também duas expulsões do templo: a de Mateus no mesmo dia da primeira entrada, e a de Marcos um dia após a segunda entrada.

Estes são portanto dois cenários históricos muito diferentes fornecidos pelos autores evangélicos. Neste estudo, eu comparo ambos os cenários e concluo que o mais provável historicamente foram duas entradas em Jerusalém ao invés de uma. Mais importante é o argumento científico de peso que o estudo apresenta a favor do fato de que a segunda entrada não poderia ter acontecido sem o auxílio de um designer inteligente.

Este estudo, portanto, é o único a mostrar uma evidência científica da “inspiração” na Bíblia. O método deste estudo não pode ser aplicado à Bíblia fora dos evangelhos, já que somente os evangelhos é que possuem múltiplos autores descrevendo o mesmo evento ou similares. A multiplicidade de registros sobre o mesmo evento histórico permite uma análise comparativa

que não é possível com apenas um ou dois registros do mesmo evento.

Abordagem

O estudo seguiu os seguintes passos:

1. Selecionar um evento representado nos evangelhos, um que tenha diferenças significativas nos relatos.
2. Selecionar um evento descrito (em todo ou parte) por todos os quatro evangelistas. Isto permite a máxima divergência e a máxima concordância entre os autores.
3. Identificar e definir todos os cenários razoáveis sugeridos para o evento pelos quatro evangelhos.
4. Comparar os cenários, através de um “critério de avaliação”, para determinar a melhor dentre as alternativas históricas[8].
 - 4.1. Cenário I. Contar as histórias nas quatro versões.
 - 4.2. Cenário I. Necessários dois diferentes relatos (Mateus vs. Marcos).
 - 4.3. Cenário I. Contradições entre os evangelhos.
 - 4.4. Cenário II. Versão integral.
 - 4.5. Cenário II. Componentes informativos da estória.
 - 4.6. Cenário II. Sem contradições entre os evangelhos.
5. Selecionar “a melhor alternativa histórica”.

1.&2. Selecionar um evento usando todos os quatro evangelhos.

O evento selecionado para estudo é a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Há muitos eventos que possuem diferenças significativas nos relatos dos autores evangélicos. Mas são relativamente poucos os cobertos por todos os quatro relatos. O evento em que Jesus chega montado em jumento e depois faz a expulsão do templo é coberto, pelo menos em alguns aspectos, por todos os quatro evangelhos. O evento é importante, abrange uma parte significativa da Bíblia com uma ampla variedade de sub-eventos, e tem um grande número de discrepâncias entre os autores evangélicos. O evento da entrada triunfal representa bem a complexidade das histórias nos evangelhos, com um grande número de oportunidades de mostrar se as diferenças na história são acidentais, se são dependentes de fontes diferentes, se são diferentes recordações dos eventos, ou se são planejadas por uma inteligência.

3. Identificar e definir os cenários.

O primeiro cenário assume que cada um dos autores escreveu de forma independente. Acredita-se que Marcos tenha escrito seu evangelho primeiro, sendo possível portanto que os outros autores tenham tido acesso ao seu evangelho ao escreverem mais tarde. Também se especula que uma outra fonte (Q) estava disponível a Mateus e Lucas. Geográfica e historicamente, não pode ter havido nenhum conluio entre os escritores. Cada autor escreve a partir das fontes que lhe estão disponíveis. No caso de Marcos, presume-se que suas fontes provavelmente venham dos próprios discípulos, em particular Pedro. Para Mateus e Lucas, assume-se que suas fontes

primárias sejam Marcos e “Q”[9]. João teria provavelmente os três evangelhos sinóticos, “Q” e uma variedade de outras fontes.

O segundo cenário assume que o melhor relato histórico utilizaria todos os quatro evangelhos em conjunto para determinar a seqüência e os detalhes de cada evento. Para defender este cenário histórico de entradas triunfais e expulsões do templo, eu identifiquei os “componentes informativos”[10] que são usados pelos quatro autores para contar a história inteira sem contradições. Para este exemplo particular nós descobrimos que alguns componentes têm três autores evangélicos, outros têm dois autores evangélicos, mas a maioria (mais da metade) tem apenas um autor evangélico.

4. Comparar os cenários

Os cenários I e II são comparados quanto à apresentação dos eventos distintos.

4.1. Cenário I: Quatro autores independentes

1. Mateus

- a. Jesus sai de Jericó em direção a Jerusalém (Mt 20,29-34; 21,1).
- b. Passa por Betfagé perto do Monte das Oliveiras, consegue uma jumenta e um jumentinho para neles montar (Mt 21,2-7).
- c. Marcha triunfal por Jerusalém (Mt 21,8-11).
- d. Expulsa os comerciantes do templo (Mt 21,12-16).
- e. Retorna a Betânia (Mt 21,17).
- f. Volta a Jerusalém [a pé] numa manhã (Mt 21,18).
- g. Amaldiçoa uma figueira (Mt 21,19-20).

2. Marcos

- a. Jesus visita Jericó [indo para Jerusalém] (Mc 10,32; 10,46).
- b. No caminho para Jerusalém, passa por Betfagé e Betânia perto do Monte das Oliveiras; consegue um jumentinho para nele montar (Mc 11,1-7).
- c. Marcha triunfal por Jerusalém (Mc 11:8-10).
- d. Jesus entra no templo, olha ao redor e retorna a Betânia (Mc 11,11).
- e. Volta a Jerusalém [a pé] no dia seguinte (Mc 11,12).
- f. Amaldiçoa uma figueira (Mc 11,13-14).
- g. Expulsa os vendedores do templo (Mc 11,15-17).
- h. Retorna a Betânia (Mc 11,19).

3. Lucas

- a. Jesus visita Jericó [indo para Jerusalém] (Lc 18,35).
- b. Passa por Betfagé e Betânia perto do Monte das Oliveiras; consegue um jumentinho para nele montar (Lc 19,29-35).
- c. Marcha triunfal por Jerusalém (Lc 19,36-38).
- d. Expulsa os mercadores do templo (Lc 19,45-47).

4. João

- a. Jesus vem a Betânia seis dias antes da Páscoa (Jo 12,1).
- b. Jesus permanece com Maria, Marta e Lázaro por um dia (Jo 12,2-11).

- c. No dia seguinte [depois do Sabbath], Jesus vem a Jerusalém (Jo 12,12).
- d. Marcha triunfal por Jerusalém em um jumentinho (Jo 12,13-15).

As quatro versões da entrada de Jesus e da expulsão do templo variam consideravelmente nos eventos distintos. Marcos lista o maior número de eventos distintos, com Mateus em segundo lugar. Lucas menciona alguns dos mesmos eventos, mas deixa de fora vários de Marcos. João parece seguir a versão de Marcos em forma muito resumida, mas acrescenta curiosamente algumas novas informações por conta própria. Somente João é quem discute o que fazia Jesus no dia anterior à entrada em Jerusalém.

O primeiro cenário não pode ser abarcado por apenas uma visão dos eventos. Duas versões diferentes são necessárias: aquela apresentada por Marcos e aquela apresentada por Mateus (conforme ilustrado na **Tabela 1**). Marcos tem o apoio de Lucas e João para a entrada feita somente no jumentinho. Marcos também conta com o apoio de Lucas para a expulsão do templo no dia seguinte à entrada. A versão de Mateus é consideravelmente diferente daquela de Marcos. A informação exclusiva de João que mostra Jesus em Betânia no dia anterior à entrada dá credibilidade à versão de Mateus.

4.2. Cenário I: Duas Versões

Tabela 1. Duas Versões da Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém e Expulsão do Templo.

Versão de Mateus	Versão de Marcos
a. Jesus sai de Jericó em direção a Jerusalém (Mt 20,29-34; 21,1).	a. Jesus visita Jericó [indo para Jerusalém] (Mc 10,32; 10,46).
b. Passa por Betfagé perto do Monte das Oliveiras, consegue uma jumenta e um jumentinho para neles montar (Mt 21,2-7).	b. No caminho para Jerusalém, passa por Betfagé e Betânia perto do Monte das Oliveiras; jumentinho para montar (Mc 11,1-7).
c. Marcha triunfal Jerusalém (Mt 21,8-11).	c. Marcha triunfal por Jerusalém (Mc 11:8-10).
d. Expulsa os comerciantes do templo (Mt 21,12-16).	d. Jesus entra no templo, olha ao redor e retorna a Betânia (Mc 11,11).
e. Retorna a Betânia (Mt 21,17).	e. Volta a Jerusalém [a pé] no dia seguinte (Mc 11,12).
f. Volta a Jerusalém [a pé] numa manhã (Mt 21,18).	f. Amaldiçoa uma figueira (Mc 11,13-14).
g. Amaldiçoa uma figueira (Mt 21,19-20).	g. Expulsa os vendedores do templo (Mc 11,15-17).
	h. Retorna a Betânia (Mc 11,19).

4.3. Contradições entre as versões

Duas diferenças flagrantes aparecem nas duas versões. Mateus mostra Jesus montado em uma jumenta e em um jumentinho, enquanto Marcos mostra apenas um jumento. Mateus mostra Jesus indo ao templo no mesmo dia da entrada, mas Marcos relata a expulsão do templo no dia seguinte à entrada.

A tradição acadêmica moderna nos assegura que a principal fonte de Mateus é Marcos. Mateus tende a obter as informações de Marcos, assim como Lucas o faz.

Assim, por que Mateus insistiria em diferenças tão evidentes como *Jesus montado em jumenta e jumentinho ao entrar em Jerusalém, quando ele deve saber que Marcos relata Jesus montado apenas em um jumentinho?* A mesma pergunta se aplica à expulsão do templo. Mateus deve saber que em *Marcos a expulsão dos mercadores do templo ocorre no dia seguinte à entrada, e mesmo assim insiste na expulsão no mesmo dia da entrada.*

4.4. Cenário II: Versão Integral das Entradas Triunfais e Expulsões do Templo

O **Apêndice A** mostra a nova versão completa das entradas de Jesus em Jerusalém e as expulsões do templo. Ela integra todos os versículos dos evangelhos individuais e os coloca na ordem cronológica. Quando mais do que um evangelho apresenta o mesmo evento, um deles é selecionado e o outro é referenciado.

4.5. Cenário II: Componentes Informativos

O Cenário II precisou de uma análise especial para apresentar todas as informações sobre os dois eventos principais (as entradas de Jesus em Jerusalém e as expulsões do templo), extraídas dos quatro evangelhos (fontes do NT), em duas matrizes: a Matriz A para as entradas triunfais e a Matriz B para as expulsões do templo. Em primeiro lugar, a *Cronologia dos Evangelhos do Novo Testamento*[11] foi consultada para localizar os versículos relevantes da estória composta pelos dois eventos principais. Depois, todos os “componentes informativos” foram destacados de cada um dos quatro evangelhos e das profecias do Antigo Testamento, e identificados como Fontes. A **Tabela 2** e a **Tabela 3** apresentam a Matriz A e a Matriz B, respectivamente.

A. Entradas triunfais[12]

Tabela 2. Matriz A: Componentes Informativos e Fontes. Entradas em Jerusalém.

Componentes Informativos	Fontes NT				Fonte AT
	Mateus 21,1-11	Marcos 11,1-10	Lucas 19,29-44	João 12,12-19	
Entradas Triunfais					Zacarias 9,9
1. Somente jumentinho		X	X	X	X stanza 6
2. Jumenta e filhote (jumentinho)	X				X stanza 5&6
3. Entrada a partir de Betfagé/Betânia		X	X	X[a]	
4. Entrada a partir de Betfagé	X				
5. Profecia citada (jumenta e jumentinho)	X				
6. Profecia citada (somente jumentinho)				X	
7. Nota sobre 1a. entrada em Jerusalém				X	
8. Nota sobre 2a. entrada em Jerusalém				X	
9. Onde Jesus descansou na 1a. entrada	X				
10. Que fez Jesus entre 1a. e 2a. entradas				X	
11. Detalhes descritivos da 1a. entrada	X				
12. Detalhes descritivos da 2a. entrada		X	X		
13. Nota: jumentinho nunca antes montado		X	X		
14. Discípulos lembrando a profecia				X	
15. Povo lembrando Lázaro				X	
16. Reclamação dos fariseus			X	X	

a. João indica que Jesus estava em Betânia no dia anterior.

A **Tabela 2** mostra os componentes informativos e as contribuições narrativas de cada autor evangélico para formar a parte da estória relacionada às duas entradas em Jerusalém:

1. Dezesseis componentes informativos singulares formam a parte da estória concernente às entradas em Jerusalém.
2. Os autores escreveram 23 trechos narrativos que se encaixam nos 16 componentes.

Mateus tem 5 trechos que se encaixam em 5 componentes. Marcos tem quatro trechos; dois ele partilha com Lucas e dois ele partilha com Lucas e João. Lucas tem 5 trechos narrativos, 2 dos quais ele partilha com Marcos, 2 com Marcos e João, e um com João somente. João tem o maior número de trechos narrativos (9); 6 são somente seus, um ele partilha com Lucas e dois ele partilha com Marcos e Lucas.

3. Todos os cinco trechos de Mateus se referem à primeira entrada em Jerusalém. Ele não contribui com a segunda entrada, e tampouco Marcos e Lucas contribuem para a primeira entrada. João fornece alguma informação que conecta a primeira com a segunda entradas, mas a primeira entrada em Jerusalém não seria nem notada sem as narrativas de Mateus.
4. Marcos e Lucas fornecem quatro componentes críticos de informação para a segunda entrada, e os relatam da mesma maneira. O interessante é que, se Marcos fosse mesmo o primeiro autor evangélico (como o Cenário I assume) e Lucas tivesse copiado dele, nós teríamos só um trecho solto da estória, sem o contexto. Não saberíamos nada sobre a primeira entrada; não teríamos idéia alguma de quando este celebrado evento cristão ocorreu; não saberíamos o que Jesus ficou fazendo até a entrada em Jerusalém. Marcos e Lucas subestimam inclusive a importância desse evento ser o cumprimento da profecia do Antigo Testamento. Entretanto, eles sem dúvida fornecem uma estória rica em detalhes sobre a aquisição do jumentinho para a segunda entrada.[13]
5. João faz a menor descrição da segunda entrada em Jerusalém, embora seja ele quem forneça mais componentes informativos do que qualquer um dos outros autores. Ele não apenas fornece as únicas narrativas para seis dos componentes informativos, mas quatro deles são críticos para a estória inteira. Pela contribuição de João, sabemos que a entrada com o jumentinho cumpria a profecia; sabemos as datas de *ambas as entradas* e sabemos *onde Jesus estava e o que estava fazendo no dia entre as entradas*.
6. Numa visão bem ampla, Mateus enfoca a primeira entrada; Marcos e Lucas enfocam a segunda entrada; e João fornece a narrativa que conecta as duas entradas.

B. Expulsões do Templo

Uma segunda matriz foi montada para os eventos de expulsão do templo. Estão listados na **Tabela 3**.

Tabela 3. Matriz B: Componentes Informativos e Fontes. Expulsões do Templo.

Componentes Informativos	Fontes NT				Fontes AT	
	Mt 21,12-16	Mc 11,11-19	Lc 19,45-47	Jo 2,14-16	Is 56,7 Jer 7,11	Sl 68,10
Expulsões do Templo						
1. Jesus expulsa com cordas (início do ministério)				X		X
2. Expulsa e vira as mesas depois da primeira entrada	X					
3. Cura cegos e coxos; crianças gritam no templo	X				X	
4. Jesus chora sobre Jerusalém			X			
5. Jesus entra no templo; olha ao redor; volta a Betânia		X				
6. Jesus amaldiçoa a figueira	X	X				
7. Segunda expulsão do templo		X	X		X	
8. Nova regra: sem vasos no templo		X				
9. Jesus retorna a Betânia		X				
10. Jesus ensinava diariamente no templo			X			

A **Tabela 3** mostra os componentes informativos e as contribuições narrativas de cada evangelista para construir a parte da estória relativa às duas expulsões do templo:

1. Nove componentes informativos únicos formam a parte da estória relativa às expulsões do templo.
2. Os autores têm 11 trechos narrativos para os 9 componentes. Há muito pouca redundância entre os evangelhos. Mateus tem 3 trechos, 2 dos quais fornecem a única informação sobre a primeira expulsão do templo. Seu outro trecho, que ele partilha com Marcos, é um trecho extremamente fundamental relacionado à segunda expulsão do templo. Este trecho (maldição da figueira) é o elo crucial entre Marcos e Mateus para a segunda expulsão do templo.
3. Marcos tem cinco trechos narrativos; três são somente seus, dois dos quais são fundamentais para mostrar as datas de mais de uma expulsão. O primeiro mostra que Jesus, no dia entre as duas expulsões, apenas “lançou os olhos para tudo o que o cercava, depois... voltou para Betânia”. No outro, Marcos indica Jesus voltando novamente a Betânia no dia da segunda expulsão. Dois ele partilha com outros autores: com Marcos, o episódio da figueira; com Lucas, a descrição da segunda expulsão do templo.
4. Lucas tem três trechos narrativos. Um é aquele que ele partilha com Marcos, sobre a

segunda expulsão, mas dois são somente seus. O primeiro é o único que narra Jesus “chorando sobre Jerusalém”. O segundo é o último evento da estória completa: “Todos os dias [Jesus] ensinava no templo” durante a semana de Páscoa.

5. João não contribui para as expulsões do templo durante a semana de Páscoa.

4.6 Cenário II - Nenhuma Contradição

O Cenário II não tem contradições, conforme mostramos abaixo na apresentação da seqüência de eventos, no uso das informações de todos os evangelhos, na condução de uma análise da contribuição dada por cada evangelho, e na reconciliação de pequenas diferenças.

A. Seqüência de Eventos (ver Apêndice B)

1. A estória toma sua forma completa quando todos os versículos de todos os quatro evangelhos são usados. A estória flui sem contradições.
2. A data de todos os eventos é referente aos “dias antes da Páscoa”, que são fornecidos pelos evangelhos.
3. Mateus fala da primeira entrada com a jumenta e o jumentinho e da primeira expulsão do templo (Mt 21,1-17) no 6o. dia antes da Páscoa (Jo 12,1).
4. Jesus passou o Sabbath com seus amigos Maria, Marta e Lázaro em Betânia (Jo 12,2-11).
5. No 4o. dia antes da Páscoa, o dia depois do Sabbath (Jo 12,12), Jesus faz a segunda entrada em Jerusalém montado apenas em um jumentinho (Mc 11,1-10; Lc 19,29-44); chora sobre Jerusalém, entra no templo apenas olhando ao redor antes de voltar a Betânia (Mc 11,11).
6. No dia seguinte (o 3o. dia antes da Páscoa), Jesus primeiro amaldiçoa uma figueira; depois entra no templo e expulsa os mercadores pela segunda vez, do mesmo modo que fez após a primeira entrada triunfal, mas desta vez não há menção de curas ou de crianças gritando “Hosana”. Nesta segunda expulsão Ele acrescenta uma regra: ninguém deve portar vasos pelo templo (Mc 11,15-17). *Jesus então retorna a Betânia* (Mc 11,19).
7. No dia seguinte (o 2o. dia antes da Páscoa), Jesus passa a maior parte do dia ensinando no templo, mas pelo fim da tarde ele está de volta a Betânia, desta vez na casa de Simão, o leproso (Mt 26,6).

Jesus entra no templo quatro vezes na semana antes da Páscoa. Duas vezes ele livra o templo dos mercadores, e uma ele apenas entra no templo. Na quarta e última vez Ele proclama vários provérbios, todos relatados nos evangelhos sinóticos. *As duas expulsões do templo estão separadas por um intervalo de dois dias, e os eventos que as antecedem são significativamente diferentes.* Na primeira, Jesus tinha acabado de completar sua primeira entrada triunfal montado em uma jumenta e um jumentinho. Depois dessa entrada, ele também faz curas e fala de crianças gritando “Hosana” no templo. A segunda expulsão acontece depois da maldição da figueira, mas desta vez não há menção de curas ou de crianças, mas ele adiciona uma nova regra sobre não carregar vasos.

Quando os vários componentes informativos são distribuídos pelos quatro evangelhos, vemos uma estória integral, precisa e rica de duas entradas triunfais em Jerusalém (nos 60. e 40. dias antes da Páscoa) e quatro entradas no templo. Tudo isso ao longo de cinco dias, com o retorno de Ele a Betânia no final da tarde de cada dia. No 60. e no 30. dias antes da Páscoa, Jesus faz uma limpeza geral no templo, expulsando os mercadores.

B. Análise dos Componentes Informativos

Quando combinamos os componentes informativos das entradas triunfais e das expulsões do templo, ilustrados nas **Tabelas 2 e 3**, vemos que a narrativa contida nos quatro evangelhos pode ser contada com 25 componentes informativos distintos: eventos como “entrada somente em jumentinho”, ou “Jesus amaldiçoa a figueira”. Os trechos narrativos reais provêm de um total de 34 trechos distribuídos entre os quatro autores.

A combinação da informação das duas tabelas revela que cada autor tinha mais ou menos o mesmo número de trechos narrativos (Mateus, 8; Marcos, 9; Lucas, 8; João, 9), mas usou estes trechos para contar principalmente uma parte específica da estória inteira.

Mateus narra com exclusividade a parte que contém a primeira entrada e a primeira expulsão do templo no 60. dia antes da Páscoa. Sua única outra contribuição é unir a primeira à segunda entradas com o episódio da “maldição da figueira”, narrado apenas por ele e Marcos. A maldição da figueira faz parte do trecho em que Marcos descreve a segunda expulsão do templo no 40. dia antes da Páscoa.

Marcos é o primeiro a relatar a 2a. entrada no 40. dia antes da Páscoa, sendo seguido por Lucas e João na entrada “somente com jumentinho”. Marcos também é quem nos conta que, naquele dia, Jesus apenas entrou no templo e olhou ao redor. Então no dia seguinte, o 30. dia antes da Páscoa, Marcos e Lucas descrevem a 2a. expulsão do templo.

A parte de Lucas, embora similar à de Marcos em relação aos eventos maiores e aos detalhes da aquisição da jumenta e do jumentinho, acrescenta dois acontecimentos de Jesus que de outro modo não conheceríamos. O primeiro é Jesus chorando sobre Jerusalém antes de ir silenciosamente ao templo no dia da 2a. entrada. O outro é o fato de Jesus ensinar no templo diariamente naquela semana da Páscoa. Ele fez muito mais do que apenas virar as mesas dos cambistas no templo. Além disto, Lucas acrescenta um colorido especial à 2a. entrada, mostrando as atitudes das pessoas (Jesus, discípulos, multidão, fariseus) em relação à entrada triunfal de Jesus.

É uma surpresa que seja João (supostamente o último autor) quem forneça a informação essencial necessária para determinar a seqüência diária de eventos antes da Páscoa, e também para mostrar que Jesus passou o Sabbath em Betânia com Lázaro e suas irmãs.

A história integral pode ser contada sem nenhuma contradição, usando as narrativas dos quatro

evangelhos na ordem apresentada nas tabelas de componentes informativos.

Ao fazermos isto, descobrimos que os quatro evangelhos são necessários para apresentar a história. Um cálculo mostra que conheceríamos apenas 28% da história se lêssemos um evangelho. À medida que aumenta o número de evangelhos lidos, mais um pedaço da história se revela até que, com o quarto evangelho, ela fica completa.

C. Reconciliando Pequenas Diferenças

As entradas introduzem nos evangelhos pequenas diferenças que passam facilmente despercebidas. A **Figura 1** ilustra dois exemplos com “cidades” e “profecias”.

Figura 1. Temas Especiais: Cidades e Profecias.

Cidades: é fácil deixar de notar certas características especiais contidas em alguns dos componentes informativos que permitem ao leitor assumir uma entrada apenas. Dois em particular são (1) as cidades das quais Jesus sai antes de cada entrada triunfal, e (2) as citações das profecias de Zacarias. A cidade de Betfagé é mencionada em Mateus, Marcos e Lucas. Betfagé e Betânia são mencionadas em conjunto por Marcos e Lucas.[14] Para o leitor casual, a única informação significativa é que as duas entradas começam no Monte das Oliveiras. Realmente as duas entradas iniciam no Monte das Oliveiras, mas as cidades mencionadas são importantes. A 1a. entrada é diretamente a partir de Betfagé, sem menção a Betânia. A 2a. entrada menciona Betânia, já que Jesus havia passado a noite anterior ali.

Profecias: o processo de uma profecia e seu cumprimento acontece assim: primeiro uma profecia é registrada no Antigo Testamento (profetas e salmos são os mais citados). O evento profetizado é então registrado no Novo Testamento por meio de uma “fórmula-citação”. [15] Na história integral que examinamos aqui, tanto Mateus quanto João citam Zacarias 9,9. A diferença sutil é que Mateus cita as stanzas 5 e 6 (que mencionam jumenta e jumentinho), enquanto João cita apenas a stanza 6 (que menciona somente um jumentinho).[16][17]

5. “Melhor Alternativa Histórica”

Os critérios para a escolha da melhor alternativa são:

1. Menor número de contradições entre os quatro evangelhos
 - O Cenário I tem várias contradições, mas as duas principais são o número diferente de animais da entrada triunfal e as datas inconsistentes para a expulsão do templo.
 - O Cenário II não tem inconsistências identificáveis. As duas principais contradições do Cenário I ficam resolvidas.
 - O Cenário II inclusive mostra que as pequenas e aparentes inconsistências são solucionáveis sem contradições.
2. Melhor jeito de validar as datas dos eventos
 - O Cenário I parece ignorar toda informação que explique a seqüência de eventos.
 - O Cenário II fornece referências dia-a-dia para a seqüência de eventos.

3. Maior lógica: consistência entre os eventos, que devem fazer sentido uns em relação aos outros
 - O Cenário I mostra a lógica dos eventos dentro de cada Evangelho, mas os quatro evangelhos não são consistentes entre si, de modo que boa parte da história é confusa e pouco confiável devido às contradições.
 - O Cenário II apresenta todos os eventos dos quatro evangelhos de modo lógico e consistente. Sem as contradições, a história integral, bem como cada trecho, fazem sentido.
4. Navalha de Occam: a explicação mais simples que explica todos os fatos é a preferida.
 - O Cenário I explica apenas uma visão geral dos eventos, tendo uma grande quantidade de contradições por ser incapaz de reconciliar as duas versões diferentes.
 - O Cenário II, por outro lado, explica todas as informações presentes nos quatro evangelhos. *O Cenário II é a explicação mais simples de todos os fatos.*
5. Jesus mostrado de modo consistente com o Seu temperamento e com o resto da mensagem evangélica
 - O Cenário I apresenta Jesus de maneira consistente com o Seu temperamento e com o resto da mensagem evangélica. A leitura de qualquer dos evangelhos é consistente com o resto da mensagem evangélica. Entretanto, se apenas um ou dois evangelhos forem lidos, perde-se uma parte do Seu temperamento e do colorido da história completa.
 - O Cenário II apresenta Jesus de maneira consistente com o Seu temperamento e com o resto da mensagem evangélica. Nada do temperamento de Jesus, nem do colorido da história inteira, se perde, já que todos os evangelhos são lidos em conjunto.

A conclusão é que o Cenário II é uma explicação melhor para os eventos do que o Cenário I, pelo seguinte motivo: todos os critérios, com a possível exceção do número 5, apontam para o Cenário II como superior. O Cenário II é a melhor alternativa histórica que pode ser imaginada para explicar os eventos da(s) entrada(s) triunfal(is) de Jesus e da(s) expulsão(ões) do templo.

II. Alternativas para Explicar o Cenário II

O Cenário II é “impecável.” Não há discrepâncias nem nas palavras utilizadas; não há inconsistências. Todos os versículos dos quatro evangelhos são usados para compor a história inteira. Não é preciso eliminar nenhum versículo para tornar coerente o fluxo da história. Cada autor parece compreender claramente qual parte da história ele deve apresentar, que partes deve omitir, e em que partes ele deve corroborar os outros autores. Além disto, cada evangelista apresentou uma história menor, verdadeira e completa, que se encaixa perfeitamente ao estilo do seu evangelho. Mateus, por exemplo, conta uma breve história de Jesus chegando a Jerusalém numa jumenta e num jumentinho, ramos espalhados no chão, o povo gritando Hosana; Jesus expulsa então os vendilhões do templo e volta para Betânia.

Examinamos quatro alternativas viáveis para explicar este cenário impecável, a criação de uma história completa e livre de erros assim como esta contada aqui nos evangelhos: a) os quatro autores escreveram trechos que acidentalmente se encaixam numa história maior; b) os autores posteriores acrescentaram trechos inéditos e copiaram os anteriores; c) os autores conspiraram entre si; d) os autores foram auxiliados por uma inteligência superior.

- a. Acidente vai além de qualquer coisa imaginável. As chances são infinitesimais de que 77 versículos, de 4 evangelhos, se encaixem acidentalmente em perfeita ordem e sem discrepâncias. Além do mais, os autores não estavam só tirando versículos de dentro uma bolsa e dispendo-os aleatoriamente; estavam escrevendo com propósito. Nada do que foi posto ou omitido foi acidental.
- b. Se houve cópia, foi insignificante. 63% do material que compõe a história integral veio de um único autor. Apenas 37% do material teve a colaboração de mais de um autor – incluindo possivelmente alguma pequena cópia. Se um primeiro autor escrevesse uma parte, depois um segundo autor escrevesse uma segunda parte, e assim por diante, como é que isto poderia produzir uma história completa em que cada autor soubesse que pedaço colocar ou deixar de fora?
- c. Conspiração. A maioria dos estudiosos bíblicos nem consideraria tal possibilidade. Para eles há a fonte desconhecida Q e Marcos que escreveu primeiro; Mateus e Lucas teriam escrito seus evangelhos usando esse material, além de suas próprias memórias e de outras testemunhas. João era um sujeito completamente diferente, e escreveu baseado numa idéia inteiramente diversa daquela dos outros três. Porém, se os autores eram aqueles tradicionalmente associados aos evangelhos – Mateus (discípulo), Marcos (seguidor de Pedro), Lucas (médico e historiador, amigo de Paulo) e João (discípulo) – então uma conspiração teria sido possível (apenas entre Mateus, Marcos e João, porque Lucas não era contemporâneo). Mas por que escreveriam desse jeito? Que motivo eles teriam para combinar as coisas desse jeito tão estranho? E ainda que tivessem motivo, como é que imaginariam o que deviam ou não deviam escrever de seu próprio punho? Não é certo que fossem tão brilhantes a ponto de conhecerem todos os fatos, mesmo os do Antigo Testamento. Enfim: se eu lhes perguntasse porque escreveram desse modo, eles certamente me responderiam que foram “inspirados”, que é exatamente a alegação da Bíblia.
- d. Só resta uma possibilidade: os quatro autores foram inspirados a escrever dessa maneira. Foram guiados para lembrarem “a verdade e apenas a verdade”, embora nenhum deles tenha escrito “toda a verdade.” Por um lado, ao que parece, essa técnica de rearranjo dos evangelhos está “bem diante da nossa vista”; por outro, não é ainda reconhecida como um possível esquema de apresentação da história completa. É óbvia mas está “oculta.” Uma vez reconhecida, ela parece revelar que há duas razões para este arranjo textual oculto. Primeiro: permitir que as pessoas tracem a história cronológica completa de Cristo naquele pequeno intervalo entre os evangelhos, já que seria suspeito se todos os evangelhos simplesmente contassem essencialmente a mesma coisa. Segundo e mais importante: possibilitar que as pessoas, ao usarem seus melhores métodos seculares para adquirir conhecimento, acabem descobrindo evidências avassaladoras da

existência de Deus.

III. Design Inteligente

A estória que começa com Jesus fazendo duas entradas triunfais em Jerusalém e expulsando duas vezes os vendilhões do templo, uma semana antes da Páscoa, é produto de um design inteligente. Esta estória, contada pela inclusão de todos os componentes informativos dos quatro evangelhos, é historicamente a mais correta, a mais completa e a mais rica de todas as que podem ser concebidas. O nosso argumento é que esta estória não poderia ser contada por quatro autores individuais sem a inspiração de um designer inteligente.

A. O material todo dos quatro evangelhos se encaixa como um complexo quebra-cabeças; não falta peça alguma, e nenhuma peça fica de fora.

A narrativa dos quatro evangelhos pode ser dividida em 25 componentes informativos. Um componente é algo do tipo “somente jumentinho” ou “Jesus amaldiçoa a figueira” (ver **Tabelas 2 e 3**). Quando o versículo real é utilizado, ele conta um trecho particular (1/25) da estória.

A estória inteira é contada em um total de 34 trechos de informação narrativa distribuídos pelos quatro evangelistas. A cada autor cabe um certo número de trechos narrativos que ele usa para preencher os 25 componentes informativos. Ao montar a estória ele vai encaixando seus trechos narrativos dentro de cada componente informativo que melhor se adapta ao trecho.

Mateus tinha 8 trechos narrativos, 7 dos quais exclusivos, e que se encaixam em 7 dos 25 componentes informativos disponíveis. 1 trecho (“Jesus amaldiçoa a figueira”) era igual ao de Marcos.

Marcos tinha 9 trechos narrativos, 3 dos quais exclusivos, e que se encaixam em 3 dos 25 componentes informativos. Os outros 6 eram os mesmos de outros autores: 3 iguais aos de Lucas, 2 iguais aos de Lucas e João, 1 (“Jesus amaldiçoa a figueira”) igual ao de Mateus.

Lucas tinha 8 trechos narrativos, sendo 3 exclusivos. Os outros 5 eram partilhados: 3 com Marcos, 2 com Marcos e João.

João tinha 9 trechos narrativos, sendo 6 exclusivos. Os outros 3 ele partilhava com Lucas (1), e com Lucas e Marcos (2).

B. Nenhum evangelho conta mais do que um quarto da estória. Cada evangelho extra acrescenta mais um trecho significativo. A estória inteira só pode ser conhecida lendo os quatro evangelhos.

Cada autor contribui mais ou menos com a mesma parcela da narrativa (8 ou 9 trechos). 63% da

estória é composta por indivíduos que fornecem trechos exclusivos, enquanto que apenas 37% da estória vem de múltiplos autores. 19 dos 25 trechos vieram de um indivíduo somente. Calculamos que apenas 28% da estória seria conhecida a partir de um evangelho apenas. **(Apêndice C)**

C. A narrativa da estória completa é planejada de tal modo que as informações dos autores todos só pode ser integrada de um único jeito.

Diferenças significativas nos detalhes das duas entradas. A entrada de Mateus mostra uma jumenta e um jumentinho, ao passo que a de Marcos (com Lucas e João) só tem um jumentinho. A diferença é tão precisa que Marcos e Lucas notam que o jumentinho da 2a. entrada *nunca tinha sido montado*. Portanto, *não era o mesmo jumentinho da primeira entrada*. A primeira entrada tinha um jumento mais novinho que ainda precisava da mãe. A expulsão do templo, de acordo com Mateus, foi no mesmo dia da entrada; de acordo com o evangelho de Marcos, no dia seguinte. Os dias das entradas também são diferentes: a de Mateus é no dia anterior ao Sabbath, e a de Marcos é no dia seguinte ao Sabbath.

Diferenças menores nas descrições das entradas. Mateus, Marcos e Lucas mencionam que Jesus inicia sua entrada do Monte das Oliveiras. Mateus e Marcos também mencionam que Jesus vai na direção de Jerusalém. Mas há uma pequena diferença entre as versões de Mateus e de Marcos/Lucas: a cidade de Betânia. Quando Jesus fez sua primeira entrada, Betânia nem estava no cenário. Porém, antes da segunda entrada, Jesus havia ficado com seus amigos em Betânia. Uma pista minúscula, mas consistente com duas entradas em dias diferentes. Betfagé é citada nos três evangelhos sinóticos, aparentemente porque era onde os jumentos ficavam guardados.

Distinções claras entre a 1a. e a 2a. expulsões. Somente na primeira expulsão do templo é que algum autor menciona o fato de Jesus curar os cegos e os coxos. Só na 2a. expulsão do templo é que o autor menciona o fato de Jesus acrescentar uma nova regra proibindo carregar vasos no templo. Marcos é bem específico ao declarar que Jesus não entrou no templo no dia da 2a. entrada. Expulsar os mercadores em dias diferentes relativos às entradas é uma distinção tão clara que não deveria haver dúvida de que esses autores estão falando de entradas diferentes.

Cada autor recebe alguma corroboração dos outros autores para indicar a veracidade dos eventos principais. Marcos, obviamente, conta com o reforço de Lucas e João na entrada com o jumentinho. Marcos também conta com Lucas mencionando a 2a. expulsão do templo. Embora se possa argumentar que Lucas apenas copiou Marcos, Marcos também corrobora a entrada e a expulsão do templo de Lucas. Além do mais, Lucas acrescenta bastante material próprio, mostrando que fez mais do que copiar Marcos. Tanto Marcos quanto Lucas corroboram João, mas João mostra originalidade citando, ao contrário de Marcos e Lucas, a profecia de Zacarias.

Cada autor fornece algum material necessário para o seguimento da estória e os acontecimentos especiais. Apenas Mateus fornece informação especial sobre a primeira entrada: a jumenta e o jumentinho; a expulsão do templo no primeiro dia; a profecia relativa a Jesus vindo “num

jumento, no potro de uma jumenta.” Apenas Marcos apresenta tanto a maldição da figueira quanto a segunda expulsão do templo. Apenas Lucas fornece o trecho em que Jesus contempla a cidade e “chora sobre ela.” E João é o único que fornece os detalhes de onde Jesus passou o Sabbath, o dia entre as duas entradas em Jerusalém. Apenas Marcos apresenta uma nota sobre Jesus, durante a 2a. expulsão, dando uma ordem para que os vasos não fossem carregados dentro do templo. Apenas João indica que o dia da primeira entrada era o 6o. dia antes da Páscoa.

Os autores omitem o material coberto pelos outros. Um excelente exemplo é o de Mateus omitindo a 2a. expulsão. Sabemos que ele deixou isto de fora de propósito, porque em Marcos a maldição da figueira acontece imediatamente antes de Jesus entrar no templo para a 2a. expulsão. Mateus relata a maldição da figueira em tantos detalhes quanto Marcos. Tendo o evangelho de Marcos em mãos, de propósito ele deixou de fora a 2a. expulsão. Por que apenas João relata a visita de Jesus aos seus amigos em Betânia? *Ao menos um outro evangelho aponta que Jesus é amigo de Lázaro.* Marcos e Lucas se referem ambos a Betânia no dia em aquele Jesus faz a 2a. entrada. Por que não citar também que Ele esteve com Lázaro no dia anterior? Como é que cada autor podia saber o quê deixar de fora e ainda assim ter certeza de não omitir trechos críticos da estória? Só se eles soubessem que os outros iriam cobrir aqueles trechos deixados de fora. Isto é muito importante, já que cada autor deixou de fora pelo menos 60% da estória integral.

Detalhes coloridos distintos são alocados em diferentes evangelhos. Cabe a Marcos e Lucas contar o jeito como o jumentinho foi obtido. *“Ide a essa aldeia que está defronte de vós. Entrando nela, achareis um jumentinho atado, em que nunca montou pessoa alguma.”* Eles relatam em detalhes como os donos do jumentinho ficaram cientes de que o Senhor precisava dele. Apenas Mateus conta com interesse a maneira análoga pela qual a jumenta e o jumentinho foram obtidos juntos. Mateus e Marcos contam a estória curiosa de Jesus amaldiçoando a figueira, ao passo que Lucas expressa a grande tristeza que Jesus sentiu ao ver a cidade de Jerusalém e chorar sobre ela. João nos conta sobre o Sabbath, no qual Jesus passou o tempo em companhia de Maria, Marta e Lázaro em Betânia, e sobre como a multidão curiosa ainda estava maravilhada com a ressurreição de Lázaro. Lucas e João trazem as reclamações dos fariseus contra Jesus.

D. Os autores, de propósito, deixam de fora informações que eles não omitiriam se estivessem contando tudo o que sabiam da estória. Escrevem a sua parte como se disso fossem incumbidos.

A maldição da figueira em Mateus e Marcos. Este evento mostra que Mateus teria usado o evangelho de Marcos para essa parte da estória. Mateus não teria deixado de ver a 2a. expulsão do templo narrada por Marcos se (como se presume) Mateus copiasse de Marcos o evento da maldição da figueira. Lucas (que também se presume tenha lido Marcos) certamente viu o relato de Marcos sobre a expulsão do templo, e escreve sobre ele em sua versão.

Mateus mostra a jumenta e o jumentinho usados na entrada de Jesus. Se Marcos foi o primeiro autor, e Mateus supostamente obtém a sua versão de Marcos, como ele poderia cometer o engano de fazer Jesus entrar em Jerusalém em uma jumenta e num jumentinho? Mateus gasta bastante tinta para que saibamos que uma mamãe jumenta e seu filhote foram montados por Jesus. Se Lucas, novamente, pode escrever a partir da leitura de Marcos, por que Mateus não?

Mateus afirma que a expulsão do templo foi no dia da entrada. Assumindo que Mateus tenha lido o relato de Marcos sobre Jesus fazendo a expulsão do templo *no dia seguinte à entrada*, por que ele cometeria o erro de fazer Jesus expulsar os vendilhões *no mesmo dia da entrada*?

Tanto Marcos quanto Lucas relatam que o jumento nunca tinha sido montado. Por que Marcos e Lucas introduzem uma coisinha assim? Se a entrada “somente jumentinho” é a única entrada, então não é nem necessário nem interessante saber se tinha ou não sido montado antes. Se cada autor escreve independentemente, não é um comentário digno de ser feito. Seria algo como “o jumentinho tem dentes saudáveis.” Uma coisa que certamente os evangelhos têm é economia de palavras. O **Apêndice C** mostra que somente 37% dos versículos dedicados à estória partilham material comum entre dois ou mais autores. Por que os dois, Marcos e Lucas, gastariam parte desse material comum com algo tão banal? Porém, com duas entradas, a informação é muito útil e o diálogo é interessante. O pessoal dos jumentos está dizendo aos discípulos: “Sabem aquele jumentinho com a mamãe dele, que vocês usaram no sábado? Bom, não vão usá-lo. Temos um jumentinho novo, nunca antes montado, que vocês podem usar hoje.”

Lucas 19,45 parece ser uma continuação imediata de Lucas 19,44. O problema é que estes dois versículos parecem descrever eventos que acontecem no mesmo dia, quando na verdade Lucas 19,44 termina num dia e Lucas 19,45 fala de uma expulsão do templo no dia seguinte, depois da 2a. entrada triunfal em Jerusalém. Sabemos disto porque Marcos 11,11 conta que Jesus *apenas foi* ao templo no dia da entrada, voltando depois para Betânia. No dia seguinte, depois de amaldiçoar a figueira, é que Jesus expulsa os vendilhões. Lucas 19,44 e 19,45 estão separados por 24 horas. Como é que Lucas poderia sumir com um dia inteiro entre os dois versículos, quando Marcos indica claramente o dia extra no seu texto?

Nenhum dos autores evangélicos apresenta duas entradas e duas expulsões do templo. Pelo menos um dos autores deveria dar alguma indicação de reconhecer uma segunda entrada e expulsão. Mateus teria Marcos para mostrar a 2a. entrada, mas ele escolhe ignorá-la. Marcos e Lucas relatam ambos uma 2a. entrada. Por que tanta cautela em omitir tudo sobre a 1a.? João teria os três evangelhos sinóticos, então por que omitir tudo o que era específico da primeira? Ele obviamente poderia ter conectado as duas, já que foi ele quem forneceu a informação principal mostrando haver dois dias entre as duas entradas.

E. As fontes numerosas de material facilmente mal interpretado tiveram de ser fornecidas intencionalmente.

Profecia confusa. Zacarias 9,9 fornece três possibilidades proféticas com base nas regras das

profecias hebraicas. Só depois de cumpridas é que se podia determinar qual das três foi cumprida. Na estória nós vemos que duas das três foram cumpridas. Esta distinção profética obviamente escaparia ao leitor casual dos evangelhos.

A primeira e a segunda entradas mencionam Jerusalém, cidades em comum, e o Monte das Oliveiras. O leitor casual assumiria que qualquer evangelho contendo alguns desses lugares estaria falando da mesma entrada.

O cumprimento das profecias “jumentinho” e “jumenta e jumentinho” parece similar. O leitor pouco cauteloso assumiria que um ou outro autor cometeram um engano.

A última parada foi Jericó. Para ambas as entradas, o leitor assumiria que se tratava da mesma entrada em Jerusalém contada pelos três evangelhos sinóticos; e diretamente de Jericó.

“Casa de oração, covil de ladrões” aparece igual nos três evangelhos sinóticos. O leitor presumiria só uma expulsão do templo.

Um dia é pulado de propósito. Lucas 19,44 e Lucas 19,45 parecem mostrar ao leitor casual eventos do mesmo dia. Marcos e Lucas contam substancialmente a mesma estória da 2a. expulsão do templo que acontece no 30. dia antes da Páscoa. Marcos conta que depois da entrada, Jesus vai ao templo e olha ao redor antes de voltar a Betânia. Lucas 19,44 encerra uma declaração que Jesus faz, sobre a destruição de Jerusalém, depois da entrada. Mas em Lucas 19,45 ele começa a nos contar imediatamente sobre a 2a. expulsão do templo, a qual (se ele crê em Marcos) só acontece no dia seguinte. O leitor atento verá a necessidade de haver um dia entre os versículos 44 e 45, porque Marcos deixa claro que Jesus não entra no templo no dia da entrada triunfal.

Resumo do Design Inteligente

A maneira como os quatro evangelhos estão entrelaçados uns com os outros para compor uma estória precisa e completa exige um supervisor. Todos os exemplos indicam a mão de um coordenador inteligente. Algumas diferenças maiores descritas nos evangelhos, tanto nas entradas quanto nas expulsões do templo, são evidentes para quem lê todos os quatro evangelhos. Mas como as diferenças maiores estão entre Mateus e Marcos, é claro que Mateus não obteve de Marcos a sua versão altamente divergente. Nós sugerimos que foi através de um design inteligente que Mateus e Marcos foram coordenados para mostrar duas entradas e duas expulsões do templo.

Várias diferenças bem pequenas entre Mateus e Marcos/Lucas são suficientemente significativas para mostrar entradas distintas e expulsões distintas do templo, mas não tão grandes a ponto de permitir ao leitor médio captar as diferenças. Quando alguém as descobre, não consegue achar nenhuma boa razão para as pequenas pistas exceto pelo auxílio de um

designer inteligente.

Cada autor precisa ter sua maneira de corroborar os outros autores – fornecendo material específico necessário para a seqüência e para os acontecimentos especiais; deixando rotineiramente de fora algum material coberto pelos outros. Isto só era possível com um conhecimento especial do que os outros evangelistas estavam escrevendo. Tudo isto pede um coordenador que supervisione, um designer inteligente.

Cada evangelho tem um colorido distinto. Cada um dos quatro autores tem trechos de interesse especial para contar na estória. Como se poderia distribuir esta informação marginal entre os autores, de modo tão interessante e preciso, sem um design inteligente?

Nenhum escritor competente teria omitido coisas tão óbvias como Mateus fez com a 2a. entrada após o relato do incidente da figueira. Se ele conseguiu copiar outras informações importantes de Marcos, por que deixar de fora informações críticas? Parece evidente que em situações como esta o autor está evitando de propósito um material que ele sabe que está sendo fornecido por outros autores. O escritor é de algum modo guiado por uma inteligência coordenadora que diz quais informações usar e quais deixar de fora, de maneira a manter uma conexão significativa com os escritos dos outros.

A presença de pequenos fatos facilmente mal interpretados (e.g. **Figura 1**) indica que eles devem ter sido colocados de propósito. Os autores poderiam ter escrito seus textos de um jeito melhor, para que o leitor não fosse levado a fazer suposições falsas. Deus com certeza poderia escrever a Bíblia numa linguagem mais compreensível. Mas aparentemente Deus escreveu a maior parte da Bíblia de um jeito que permita ao cético encontrar coisas que apoiem sua visão de que a Bíblia não é inspirada devido aos muitos erros e inconsistências. Entretanto, como vemos aqui depois de um estudo cuidadoso e fiel, todos os erros e inconsistências são aparências que somem. Todas as informações facilmente mal interpretadas ou aparentemente errôneas podem ser resolvidas com um mínimo de esforço, desde que se considere que são inspiradas. Esses tipos de “testes” não afetam a mensagem do evangelho, mas apenas disfarçam um pouco a Palavra[18].

Dada a esmagadora evidência de um coordenador inteligente dos evangelhos, eu só consigo pensar em uma possibilidade além de Deus: que os apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João se reuniram e conspiraram para escrever seus trechos do jeito que escreveram. Mas se lhes perguntássemos como conseguiram produzir uma obra tão bem coordenada, eles responderiam: *“Fomos inspirados.”*

Notas finais:

[1] “The Astor: Read the Bible as One Seamless Story from Beginning to End”, Zondervan, 2007; “Reader's Digest Bible: Condensed from the Revised Standard Version Old and New Testaments”, 1982, Bruce Metzger.

[2] “Matthew Henry’s Commentary”, Church Leslie, 1961.

[3] Pode-se pensar em um terceiro cenário, mas que nada acrescenta, para efeito de comparação, aos outros dois em estudo. O cenário é a visão “tradicional” de que cada evangelho foi escrito pelos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João. Neste caso, cada autor escreveu sua própria versão *inspirado* por Deus. É possível imaginar também um quarto cenário: estes apóstolos (exceto Lucas) se conheciam e poderiam ter conspirado e comparado suas visões. Ninguém acredita que isso seja verdade, mas é um cenário possível. Os estudiosos não crêem que os evangelhos foram escritos quase contemporaneamente. Os que aceitam a visão tradicional não se abrem – até onde sei – à possibilidade de duas entradas em Jerusalém e duas expulsões do templo. Este terceiro cenário difere muito pouco (em termos da história toda) do Cenário I, exceto pela crença de que *cada versão evangélica foi inspirada*. O quarto cenário é logicamente impossível, e ninguém admite haver uma motivação para tal encontro.

[4] Citações do A.T. dirigidas à “filha de Sião”, retiradas de Isaías e Zacarias:

Isaías 62,11: Dizei à filha de Sião: eis, aí vem teu salvador; eis com ele o preço de sua vitória, ele faz-se preceder dos frutos de sua conquista.

Zacarias 9,9: Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei, justo e vitorioso; ele é simples e vem montado num jumento, no potro de uma jumenta. (Zacarias 9,9 é um poema hebraico em versos alternados).

João afirma que o Rei vem montado em um filho de jumenta, “*como está escrito*”:

João 12,15: Não temas, filha de Sião, eis que vem o teu rei montado num filho de jumenta.

Mateus, por sua vez, alega que Jesus vem montado tanto em uma jumenta quanto em um jumentinho, cumprindo-se o “*oráculo do profeta*”:

Mateus 21,5: Dizei à filha de Sião: Eis que teu rei vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta, num jumentinho, filho da que leva o jugo.

[5] *Perícopes* são incidentes e histórias partilhadas entre os evangelhos. Não precisam empregar as mesmas palavras, mas referir-se obviamente aos mesmos incidentes, histórias, etc. O fato de Mateus, Marcos e Lucas terem significativos pontos em comum é razão para serem chamados “sinóticos”.

[6] “Matthew, Tyndale New Testament Commentaries”, R.T. France, 1985, p. 299.

[7] João estabelece que a segunda marcha triunfal foi um dia depois de Jesus ter passado o Sabbath em Betânia (João 12,12).

[8] Este método científico é inferior ao método experimental, mas é apropriado quando o método experimental não pode ser utilizado. A “melhor alternativa” é o método científico aplicado quando diversas possibilidades existem para explicar as evidências. Isto é usado freqüentemente em ciência forense quando uma decisão precisa ser tomada sem poder ser replicada através de experimentos. É também a abordagem científica a qualquer questão histórica que tenha mais de uma possibilidade.

[9] A hipótese das duas fontes propõe que os autores [dos evangelhos] de Mateus e Lucas beberam da fonte do evangelho de Marcos e de uma coleção hipotética de ditos de Jesus conhecida como Q.

A **hipótese das duas fontes** (ou **2SH**) é uma explicação para o problema sinótico, o padrão de semelhanças e diferenças entre os três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Ela postula que o evangelho de Mateus e o evangelho de Lucas são baseados em duas fontes: o evangelho de Marcos e uma coleção hipotética, chamada Q, de ditos mantidos pela tradição oral cristã.

A existência de Q

A 2SH explica a dupla tradição por meio da afirmação de que existe um documento perdido contendo “ditos de Jesus”. Esse documento é conhecido por Q, do alemão *Quelle*, “fonte”. É nisto, e não na primazia de Marcos, que consiste o aspecto distinto da 2SH quando comparada às teorias rivais. A existência de Q segue da conclusão de que, como Lucas e Mateus são independentes de Marcos na dupla tradição, a conexão entre ambos precisa ser explicada pelo seu uso conjunto mas independente de uma ou várias fontes faltantes. (Que tenham usado Q independentemente um do outro é coisa que se conclui do fato de que eles freqüentemente diferem bastante no uso dessa fonte).

Problemas com Q

A objeção principal a 2SH é que ela requer um documento hipotético, Q, cuja existência não é atestada de modo algum, nem por fragmentos existentes (e existe realmente um grande número de fragmentos de documentos dos primeiros cristãos), nem pela tradição dos primeiros cristãos. Além disto, dizem os críticos, as pequenas concordâncias são evidência da não-existência de Q, ou da falta de necessidade dela: se Mateus e Lucas apresentam passagens faltantes em Marcos (a sentença “Quem te bateu?” citada acima é um exemplo famoso), isto demonstra apenas que Mateus está citando Lucas ou vice-versa (*Wikipedia*).

[10] Um *componente informativo* é um versículo, conjunto de versículos, ou versículo parcial

que descreve um dado singular que é necessário ou útil para o entendimento de uma parcela do incidente ou estória sendo descrito.

[11] “Cronology of the New Testament Gospels”, H.R.Booher, 2000.

[12] A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém é descrita nos quatro evangelhos. Os fatos deste evento, entretanto, variam consideravelmente nos quatro diferentes relatos. Marcos, Lucas e João indicam Jesus montado em um jumentinho. Mateus indica Jesus montando tanto uma jumenta quanto o seu filhote. Marcos e Lucas apresentam Jesus vindo das vizinhanças de Betfagé e Betânia no Monte das Oliveiras, ao passo que Mateus menciona apenas Betânia. João mostra que Jesus, na noite anterior à entrada, estava em Betânia com Maria, Marta e Lázaro ressuscitado.

Outros pequenos detalhes nos dizem exatamente em quais dias aconteceram as duas entradas em Jerusalém. Mateus 21,17 informa que Jesus voltou a Betânia depois da sua primeira entrada, e se alojou lá. João 12,1 especifica que o dia em que Jesus voltou a Betânia era “seis dias antes da Páscoa”. *Portanto, a primeira entrada de Jesus em Jerusalém foi no sexto dia antes da Páscoa.*

João 12,2-11 descreve como Jesus passou o quinto dia antes da Páscoa. Primeiro Ele comeu a ceia com Maria, Marta e Lázaro; Maria então ungiu os pés de Jesus com um precioso óleo. No dia seguinte (ainda o quinto dia), o povo da vizinhança veio ver Jesus e Lázaro. “No dia seguinte” (quarto dia antes da Páscoa), [quando] “Jesus se ia aproximando”, o povo saiu ao encontro dEle (João 12,12-13). *Portanto, a segunda entrada de Jesus em Jerusalém foi no quarto dia antes da Páscoa.*

Marcos e Lucas contam a estória como uma perícopé, seus detalhes quase exatamente os mesmos. Jesus envia dois discípulos a uma aldeia onde eles acham um jumentinho pré-arranjado para uso do Senhor. Eles cobrem o jumentinho com os seus mantos, e Jesus monta nele. Enquanto eles se dirigem a Jerusalém, o povo espalha roupas e (em Marcos) ramos de árvores no caminho. O povo louva a Deus gritando versículos de Isaías como “Hosana”, “Bendito o rei que vem em nome do Senhor”, “Glória no mais alto dos céus”. Mateus, assim como Lucas, mostra o povo estendendo roupas e ramos de árvores, e louvando a Deus com citações de Isaías.

Embora os quatro evangelhos registrem as exclamações de louvor tiradas dos Salmos (particularmente Salmos 117,25-26), nenhum evangelho cita-as exatamente do mesmo modo. Marcos diz “Bendito o que *vem em nome do Senhor*. Bendito o reino de Davi, nosso pai. Hosana no mais alto dos céus.” Lucas escreve “Bendito o rei... Senhor. Paz no céu e glória no mais alto dos céus.” João cita “Hosana! Bendito... Senhor, o rei de Israel.” Mateus registra “Hosana ao filho de Davi. Bendito seja aquele... Senhor. Hosana no mais alto dos céus.”

João acrescenta “ramos de palmas”, e é o único evangelho a mencionar os ramos de palmeira, provavelmente utilizadas como véus.

Mateus e João indicam que o fato de Jesus montar em uma jumenta (ou filhote de jumenta) é citado no Antigo Testamento.

[13] “Jesus e seus discípulos aproximavam-se de Jerusalém e chegaram aos arredores de Betfagé e de Betânia, perto do monte das Oliveiras. Desse lugar Jesus enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: ‘Ide à aldeia que está defronte de vós e, logo ao entrardes nela, achareis preso um jumentinho, em que não montou ainda homem algum; desprendei-o e trazei-mo. E se alguém vos perguntar: Que fazeis?, dizei: O Senhor precisa dele, mas daqui a pouco o devolverá.’ Indo eles, acharam o jumentinho atado fora, diante duma porta, na curva do caminho. Iam-no desprendendo, quando alguns dos que ali estavam perguntaram: ‘Ei, que estais fazendo? Por que soltais o jumentinho?’.”

[14] A palavra grega *kai* (traduzida por “e”) aparece entre Betfagé e Betânia em Marcos e Lucas. *Kai* é uma palavra especial em grego: algumas vezes significa “e”, outras vezes é usada para mostrar justaposição. Quando é usada para mostrar justaposição, ela cai numa regra chamada “*Kai Expletivo*”, e este é o caso aqui. Quando cidades próximas são referidas como uma área, as cidades podem ser ligadas por hífen para indicar a área. Em inglês usaríamos apenas o hífen para uma área como Minneapolis-St. Paul, e não usaríamos o “e”. Mas em grego nós podemos escrever Betfagé *kai* Betânia, entendendo que as duas cidades constituem uma área. A justaposição é importante aqui, pois Jesus pousou em Betânia na noite anterior, e Lucas quis indicar “Betânia” como o ponto de partida da 2a. entrada triunfal. Betfagé é mencionada nos três evangelhos aparentemente porque os jumentos ficam mais próximos da parte “Betfagé” da área.

[15] A fórmula é “assim se cumpriu o que foi dito pelo profeta ...”, seguida de uma citação de um profeta do Antigo Testamento.

[16] Se há um evangelho registrando corretamente uma entrada, é o de Mateus. Zacarias indica claramente que o Rei vai montado “numa jumenta e num potro de jumenta.” Isto quer dizer que Mateus está correto, mas os outros três errados? João alega que a mesma profecia está sendo cumprida, embora com apenas um jumentinho. *Já que o versículo de Zacarias era um versículo duplo*, a parte da profecia que está na segunda stanza também está correta. Ele vai montado num potro de jumenta. Já que os detalhes de Marcos e Lucas são tão coerentes com um jumentinho somente, os três evangelhos que descrevem um jumentinho também devem estar corretos. Só nos resta concluir que Jesus fez duas entradas: a primeira vindo de Betfagé numa jumenta e num jumentinho (Mt 21,1-11); a segunda vindo de Betânia, num jumentinho apenas.

[17] Tomar uma frase ou mesmo parte de uma frase é um jeito típico de tratar as profecias. Quando Jesus lê Isaías 61,1-2 no Sabbath na sinagoga em Nazaré, ele diz “Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir,” depois de terminar a leitura de Isaías com “para publicar o ano da graça do Senhor.” (Lc 4,18-21) Jesus fecha o livro sem ler a frase que se segue imediatamente em Isaías, “e um dia de vingança de nosso Deus.”

[18] Alguém pode ser acusado de grande “húbris” por afirmar com tanta confiança que Deus escreveria a Bíblia de modo a “disfarçar” sua Palavra para que apenas os “estudiosos da Palavra” pudessem desencavá-la. Mas as escrituras estão repletas de exemplos de Deus usando maneiras diferentes para esconder a Sua Palavra daqueles aos quais Ele escolheu não revelá-la. Por exemplo:

a. Pedro fala dos escritos de Paulo, e de como podem ser difíceis de compreender, o que leva algumas pessoas a distorcerem esses escritos em prejuízo próprio. (2Pd 3,15-16)

“Reconheci que a longa paciência de nosso Senhor vos é salutar, como também vosso caríssimo irmão Paulo vos escreveu, segundo o dom de sabedoria que lhe foi dado. É o que ele faz em todas as suas cartas, nas quais fala nestes assuntos. Nelas há algumas passagens difíceis de entender, cujo sentido os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam, para a sua própria ruína, como o fazem também com as demais Escrituras.”

b. Jesus preferiu ver seus segredos escondidos dos estudiosos e revelados aos não iniciados. *“Eu te bendigo, Pai (...) porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos.”* (Mt 11,25 ; Lc 10,21)

c. A propósito do problema de Deus disfarçar ou refrear sua palavra para aqueles que podem não estar qualificados, ou que podem não ser capazes de apreciá-la, ou que podem distorcê-la ou destruí-la, há a recomendação familiar de Jesus para não jogar pérolas aos porcos. *“Não lanceis aos cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as calquem com os seus pés, e, voltando-se contra vós, vos despedacem.”* (Mt 7,6)

Se nós tomarmos a nossa sabedoria e atirmo-la para todo lado sem saber se vai cair diante de cães (um coração impuro ou farisaico) ou porcos (alguém considerado imoral), Jesus avisa que eles provavelmente nos [farão em pedaços](#) (vão torcer e distorcer o que é dito, e depois virão atrás de nós).

Apêndice A - Versão Completa - Entradas Triunfais e Expulsões do Templo

O Cenário II inclui as profecias das entradas triunfais e expulsões do templo em Jerusalém, sendo que o cumprimento desses eventos está registrado nos quatro evangelhos.

Profecia de Entrada em Jerusalém: Zacarias 9,9

Exulta de alegria, filha de Sião, [Is 62,11] [Stanza 1]
solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém; [Stanza 2]
eis que vem a ti o teu rei, [Stanza 3]
justo e vitorioso; [Jer 23,5] [Stanza 4]
ele é simples e vem montado num jumento, [Stanza 5]
no potro de uma jumenta. [Stanza 6]

Primeira Entrada Triunfal em Jerusalém (60. dia antes da Páscoa)

Lc 19,1-5

[Jesus entra e passa por Jericó (no 70. dia antes da Páscoa) e fica com o publicano Zaqueu.]

Mt 20,29

[Depois de passar a noite, Ele deixa Jericó em direção a Jerusalém (no 60. dia antes da Páscoa)]

Mt 21,1-11

Aproximavam-se de Jerusalém. Quando chegaram a Betfagé, perto do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo-lhes: “Ide à aldeia que está defronte. Encontrareis logo uma jumenta amarrada e com ela seu jumentinho. Desamarrai-os e trazei-mos. Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei-lhe que o Senhor necessita deles e que ele sem demora os devolverá.”

Assim, neste acontecimento, cumpria-se o oráculo do profeta:

“Dizei à filha de Sião: ‘Eis que teu rei vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta, num jumentinho, filho da que leva o jugo (Zc 9,9).’”

Os discípulos foram e executaram a ordem de Jesus. Trouxeram a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com seus mantos e fizeram-no montar. Então a multidão estendia os mantos pelo caminho, cortava ramos de árvores e espalhava-os pela estrada. E toda aquela multidão, que o

precedia e que o seguia, clamava:

“Hosana ao filho de Davi!

Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! [Sl 117,26]

Hosana no mais alto dos céus!”

Quando ele entrou em Jerusalém, alvoroçou-se toda a cidade, perguntando: Quem é este? A multidão respondia: “É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia.”

Jesus Expulsa os Vendilhões pela 1a. Vez

Mt 21,12-17

Jesus entrou no templo e expulsou dali todos aqueles que se entregavam ao comércio. Derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos negociantes de pombas, e disse-lhes: “Está escrito: ‘Minha casa é uma casa de oração (Is 56,7)’, mas vós fizestes dela um covil de ladrões (Jr 7,11)!” Os cegos e os coxos vieram a ele no templo e ele os curou, com grande indignação dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas que assistiam a seus milagres e ouviam os meninos gritar no templo: “Hosana ao filho de Davi!” Disseram-lhe eles: “Ouves o que dizem eles?”

“Perfeitamente,” respondeu-lhes Jesus. “Nunca lestes estas palavras: ‘Da boca dos meninos e das crianças de peito tirastes o vosso louvor (Sl 8,3)?’”

Depois os deixou e saiu da cidade para hospedar-se em Betânia.

Jesus Fica em Betânia no Sabbath

Jo 12,1-9

Seis dias antes da Páscoa [*Ou seja, Jesus chegou em Betânia antes das 18h; o Sabbath era das 18h da sexta até às 18h do dia seguinte, Sábado*], foi Jesus a Betânia, onde vivia Lázaro, que ele ressuscitara.

Deram ali uma ceia em sua honra. Marta servia e Lázaro era um dos convivas. Tomando Maria uma libra de bálsamo de nardo puro, de grande preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com seus cabelos. A casa encheu-se do perfume do bálsamo.

Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, aquele que o havia de trair, disse: “Por que não se vendeu este bálsamo por trezentos denários e não se deu aos pobres?” Dizia isso não porque ele se interessasse pelos pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, furtava o que nela lançavam.

Jesus disse: “Deixai-a; ela guardou este perfume para o dia da minha sepultura. Pois sempre

tereis convosco os pobres, mas a mim nem sempre me tereis.”

Uma grande multidão de judeus veio a saber que Jesus lá estava; e chegou, não somente por causa de Jesus, mas ainda para ver Lázaro, que ele ressuscitara [*João 11 conta sobre a ressurreição de Lázaro, mas não declara o que aconteceu especificamente no intervalo entre a ressurreição e o início do capítulo 12, onde Jesus retorna a Betânia. Uma parte do tempo incluiria Ele dormir numa cidade chamada Efraim, passar por Jericó e ficar com Zaqueu (Lc 19,10), a primeira entrada triunfal e a expulsão do templo registrada por Mateus*].

A Segunda Entrada Triunfal (40. dia antes da Páscoa)

Jo 12,12

No dia seguinte, uma grande multidão... tinha vindo à festa...

Mc 11,1-10 [cf. Lc 19,29-38]

Jesus e seus discípulos aproximavam-se de Jerusalém e chegaram aos arredores de Betfagé e de Betânia [*ver Nota Final 14*], perto do monte das Oliveiras. Desse lugar Jesus enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: “Ide à aldeia que está defronte de vós e, logo ao entrardes nela, achareis preso um jumentinho, em que não montou ainda homem algum; desprendei-o e trazei-mo. E se alguém vos perguntar: ‘Que fazeis?’, dizei: ‘O Senhor precisa dele, mas daqui a pouco o devolverá.’” Indo eles, acharam o jumentinho atado fora, diante duma porta, na curva do caminho. Iam-no desprendendo, quando alguns dos que ali estavam perguntaram: “Ei, que estais fazendo? Por que soltais o jumentinho?”

Responderam como Jesus lhes havia ordenado; e deixaram-no levar. Conduziram a Jesus o jumentinho, cobriram-no com seus mantos, e Jesus montou nele. Muitos estendiam seus mantos no caminho; outros cortavam ramos das árvores e espalhavam-nos, pelo chão. Tanto os que precediam como os que iam atrás clamavam:

“Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! [Sl 117,26]

Bendito o Reino que vai começar, o reino de Davi, nosso pai!

Hosana no mais alto dos céus!” [Sl 148,1]

Jo 12,12-19

No dia seguinte, uma grande multidão que tinha vindo à festa em Jerusalém ouviu dizer que Jesus se ia aproximando. Saíram-lhe ao encontro com ramos de palmas, exclamando:

“Hosana!

Bendito o que vem em nome do Senhor, [Sl 117,25-26]

o rei de Israel!”

Tendo Jesus encontrado um jumentinho, montou nele, segundo o que está escrito:

“Não temas, filha de Sião,
eis que vem o teu rei
montado num filho de jumenta (Zc 9,9).”

Os seus discípulos a princípio não compreendiam essas coisas, mas, quando Jesus foi glorificado, então se lembraram de que isto estava escrito a seu respeito e de que assim lho fizeram. A multidão, pois, que se achava com ele, quando chamara Lázaro do sepulcro e o ressuscitara, aclamava-o. Por isso o povo lhe saía ao encontro, porque tinha ouvido que Jesus fizera aquele milagre.

Mas os fariseus disseram entre si: “Vede! Nada adiantamos! Reparai que todo mundo corre após ele!”

Lc 19,39-44

Neste momento, alguns fariseus interpelaram a Jesus no meio da multidão: “Mestre, repreende os teus discípulos.” Ele respondeu: “Digo-vos: se estes se calarem, clamarão as pedras!”

Aproximando-se ainda mais, Jesus contemplou Jerusalém e chorou sobre ela, dizendo: “Oh! Se também tu, ao menos neste dia que te é dado, conhecesses o que te pode trazer a paz!... Mas não, isso está oculto aos teus olhos. Virão sobre ti dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te sitiarão e te apertarão de todos os lados; destruir-te-ão a ti e a teus filhos que estiverem dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo em que foste visitada.”

Mc 11,11

Jesus entrou em Jerusalém e dirigiu-se ao templo. Aí lançou-os olhos para tudo o que o cercava. Depois, como já fosse tarde, voltou para Betânia com os Doze.

Jesus Amaldiçoa a Figueira

Mc 11,12-14

No outro dia, ao saírem de Betânia, Jesus teve fome. Avistou de longe uma figueira coberta de folhas e foi ver se encontrava nela algum fruto. Aproximou-se da árvore, mas só encontrou folhas pois não era tempo de figos. E disse à figueira: “Jamais alguém coma fruto de ti!” E os discípulos ouviram esta maldição.

A Segunda Expulsão do Templo

Mc 11,15-18 [ver também Lc 19,45-48]

Chegaram a Jerusalém e Jesus entrou no templo. E começou a expulsar os que no templo vendiam e compravam; derrubou as mesas dos trocadores de moedas e as cadeiras dos que vendiam pombas. Não consentia que ninguém transportasse algum objeto pelo templo. E ensinava-lhes nestes termos: “Não está porventura escrito: ‘A minha casa chamar-se-á casa de oração para todas as nações (Is 56,7)?’ Mas vós fizestes dela um covil de ladrões (Jr 7,11).”

Os príncipes dos sacerdotes e os escribas ouviram-no e procuravam um modo de o matar. Temiam-no, porque todo o povo se admirava da sua doutrina.

Lc 19,45-48 [ver também Mc 11,15-19]

Em seguida[*No original grego é ‘kai’, que pode ser traduzido por “e”, “em seguida”, “quando”, ou por várias outras palavras, dependendo do contexto. Já que este evento acontece no dia seguinte à ida ao templo de Mc 11,11, a melhor tradução aqui é “quando”, expressando com maior clareza que Lucas 19,45 não começa no mesmo dia em que Lucas 19,44 acontece*], entrou no templo e começou a expulsar os mercadores. Disse ele: “Está escrito: ‘A minha casa é casa de oração!’ Mas vós a fizestes um covil de ladrões (Is 56,7; Jr 7,11).”

Todos os dias ensinava no templo. Os príncipes dos sacerdotes, porém, os escribas e os chefes do povo procuravam tirar-lhe a vida. Mas não sabiam como realizá-lo, porque todo o povo ficava suspenso de admiração, quando o ouvia falar.

Mc 11,19

Quando já era tarde, saíram da cidade.

Apêndice B - Sequência de Eventos da Estória

Componentes Informativos	Fontes NT				Fontes AT	
	Mateus	Marcos	Lucas	João	Zac 9,9	Outros
Entradas Triunfais e Expulsões do Templo						
1. Profecia 1a. Entrada em Jerusalém					Stanza 5&6	
2. Profecia 2a. Entrada em Jerusalém					Stanza 6	
3. Profecia 1a. Expulsão do Templo						Is 56,7 Jer 7,11
4. Profecia 2a. Expulsão do Templo						Is 56,7 Jer 7,11
5. 1a. Entrada a partir de Betfagé	21,1					
6. Jesus montando jumenta e jumentinho	21,2-7					
7. Cumprida Profecia 1a. Entrada	21,5					
8. Confirmado dia 1a. Entrada				12,1		
9. Detalhes da 1a. Entrada	21,8-11			12,13		
10. Jesus expulsa os vendilhões e vira as mesas depois da primeira entrada; cura cegos e coxos; crianças gritam no templo	21,12-16					Crianças no templo Sl 8,3
11. Cumprida profecia 1a. Expulsão	21,13				Stanza 5&6	
12. Retorna a Betânia antes das 18h	21,17			12,1		
13. Jesus passa o Sabbath com Lázaro e suas irmãs				12,2-11		
14. Dia seguinte, 2a. entrada				12,12		
15. 2a. Entrada a partir de Betfagé/Betânia		11,1	19,29			

Componentes Informativos (cont.)	Fontes NT				Fontes AT	
	Mateus	Marcos	Lucas	João	Zac 9,9	Outros
17. Cumprida profecia 2a. Entrada				12,13-15	Stanza 2	Filha de Sião Is 62,11 Bendito... nome do Senhor Sl 117,26
18. Detalhes da 2a. Entrada		11,1-10	19,29-44	12,12-19		Hosana Sl 117,26 Sl 148,1
19. Jesus entra no templo; olha ao redor; volta a Betânia		11,11				
20. Dia seguinte, Jesus amaldiçoa a figueira	21,18-22	11,12-14				
21. Jesus expulsa vendilhões; proíbe de carregar vasos no templo		11,15-17	19,45-47			
22. Cumprida profecia 2a. Expulsão		11,17	19,46			Is 56,7 Jer 7,11
23. Jesus retorna a Betânia		11,19				

Apêndice C - Estatísticas dos Versículos

As estatísticas dos versículos evangélicos correspondentes à estória estão na tabela:

Versículos	Mateus	Marcos	Lucas	João	Total
Total de versículos	22	17	19	19	77
Versículos únicos	16	12	7	14	49

O total de versículos usados pelos quatro evangelistas é 77, bastante bem distribuído (17-22). O número total de versículos únicos, combinados dos quatro evangelhos para contar a estória, é 49, ou aproximadamente 63%. Em outras palavras, a estória completa conforme o Cenário II é apresentada com 63% da estória contada de modo independente por cada autor usando seus próprios versos únicos. Aproximadamente 37% da estória completa tem material comum entre dois ou mais autores. A grosso modo, ao lermos apenas um evangelho, lemos só 28% da estória inteira; dois evangelhos, mais ou menos 57%; três evangelhos, aproximadamente 85%; quatro evangelhos, 100%. Mas, a menos que os evangelhos sejam lidos cronologicamente, ainda assim teremos dificuldades para apreciar a seqüência de eventos.